

Pioneiros, eles chegaram à Brazlândia há muitas décadas, época em que o local era um ponto perdido no mapa. Trabalhadores, valentes, fizeram história e construíram uma nova cidade

Bem ali, no fim do mundo

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

Bom de briga

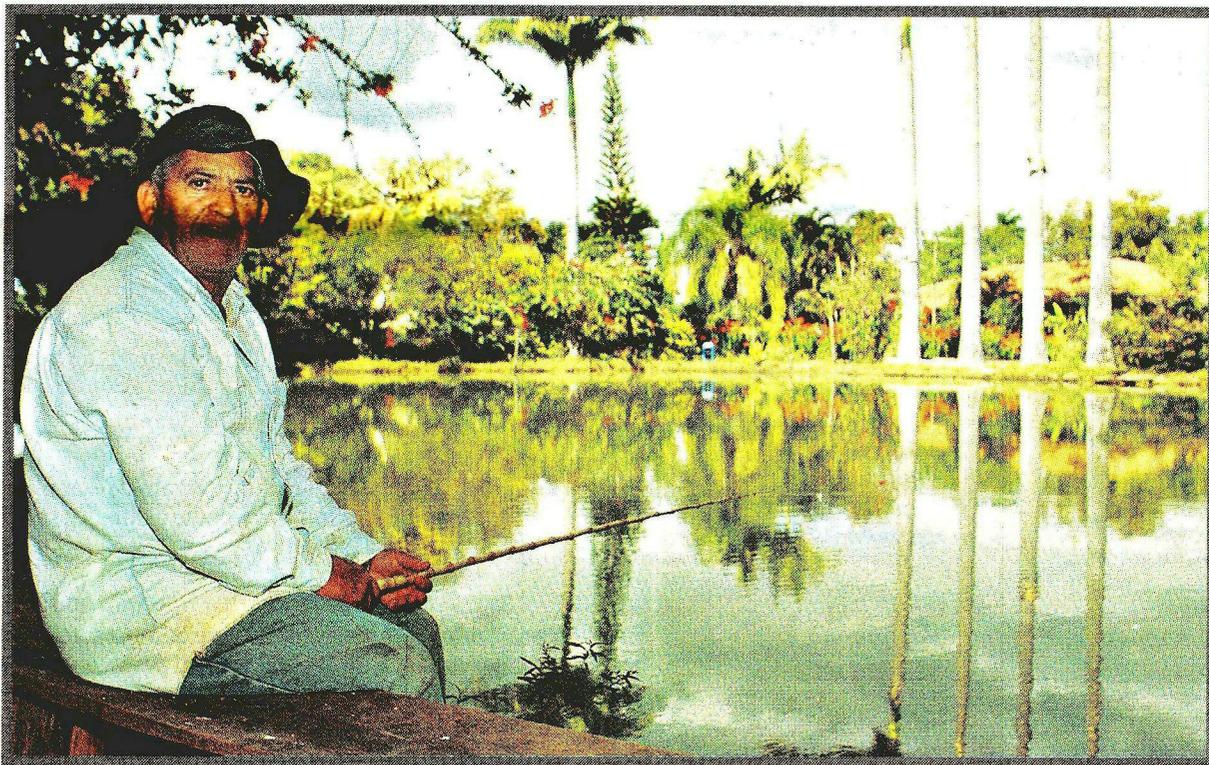
Quem visita o Rancho Paraná, um refúgio rural com pesque-pague, flores e frutas tropicais, restaurante com comida da roça e muito sossego, não tem idéia da luta travada pelos seus moradores para criar e manter este pequeno paraíso. Mas se alguém quiser saber o que se passou há algumas décadas, deve procurar o patriarca da família, Francisco Carvalho Sobrinho, o Chico Paraná. Pacato, bem-humorado, boa praça, este paranaense de 67 anos bem vividos é o que se pode chamar de um sujeito da paz e do bem. Mas que ninguém pise no seu calo, pois por trás da cordialidade e simpatia se esconde um homem valente, politizado, que brigou muito para manter para si, e para os filhos, as terras que hoje ocupa. Luta, por sinal, que envolveu integrantes da ditadura militar e interesses de políticos de ocasião. Mas o final foi feliz: os 14,42 hectares do Rancho hoje são propriedade de Chico e seus filhos.

“Cheguei em Brazlândia em 9 de setembro de 1967. Mudei porque meu sogro não queria que eu fizesse política. Ele me fez sair de Umuarama (PR), e nos convenceu a vir para o Distrito Federal, o único local do país onde, à época, não havia eleição”, recorda Chico, que é casado com a descendente de poloneses, Prakceda Jakubowski, há quase 40 anos.

Habitado ao trabalho na lavoura, Chico Paraná não teve dificuldade em conseguir um dos lotes desapropriados da fazenda Braz, que estavam sendo redistribuídos pelo governo Castelo Branco para os migrantes. “Eles procuravam pessoas que tivessem conhecimento de plantio. Fiz o teste e passei. Fiquei com o termo de ocupação, e ganhei umas terras, que foram inundadas no começo dos anos 70, para dar lugar à barragem. Tudo que fiz nos primeiros anos de vida em Brazlândia está lá debaixo do lago do Descoberto”, recorda o empresário rural, que ficou sem saber o que fazer.

“Depois de nos deixarem na mão, inventaram uma história de que iriam nos dar uma terra lá pras bandas do Mato Grosso. Fiquei seis meses no Paraná, na casa do meu sogro. Depois fui pro Mato Grosso do Sul, para a ci-

Kleber Lima/CB



CHICO PARANÁ FINALMENTE REINA NO SEU OÁSIS DE ÁGUAS, FLORES E DELÍCIAS DA CULINÁRIA RURAL

dade de Mundo Novo, onde passei mais sete meses, e nada. Cansei de esperar, voltei para o Distrito Federal e fiz um barraco nessas terras que hoje são minhas. O coordenador do IBRA, antigo INCRA, levou um susto, mas não teve jeito: avisei que enquanto não me arranjasse um lugar, ia ficar por aqui”.

De madrugada, a Polícia Militar chegava nas terras para fazer medo à família. “As crianças eram todas pequenas. Mas como eu já tinha alguns amigos políticos aqui do Distrito Federal, eles ameaçavam, mas nunca chegaram a fazer nada”, relembra Chico, que em 1975, após anos de luta, finalmente recebeu o título definitivo da propriedade. “Lembro que 78 pessoas receberam o certificado. Todos enfrentaram proble-

mas”, recorda o agricultor, que ressalta. “As confusões não acabaram por aí. Passei uma verdadeira vida de cão para ficar com minhas terras e tocar meu trabalho”, diz, referindo-se a outro embate com o governo, em 1994, que desta vez queria desapropriar as áreas de sua propriedade que ficavam na beira do lago. “Eles queriam fazer um pólo turístico na beira do lago”, recorda Chico, que é uma espécie de embaixador de Brazlândia, e que denuncia. “Sessenta por cento da água consumida no DF vem da nossa cidade. Mas não temos qualquer contrapartida: nossas nascentes estão ameaçadas, pois não se fiscaliza a invasão nessas áreas. Corremos sérios riscos de termos nossos mananciais contaminados”, diz o eterno lutador.